



ARTIGO/DOSSIÊ

RESENHA DE *VOCÊS BRILHAM NO ESCURO* (2022), DE LILIANA COLANZI

GEORGE AUGUSTO DO AMARAL

George Augusto do Amaral

Doutor em Letras, Teoria Literária e Literatura Comparada,
pela Universidade de São Paulo, 2024.

Pesquisador do grupo de pesquisa Distopia e
Contemporaneidade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0859433264539531>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4016-5304>.

E-mail: georgeamaral@gmail.com.

Muitos brasileiros trazem até hoje no corpo as marcas do acidente radioativo que aconteceu em Goiânia, em 1987, quando mais de duzentas pessoas foram contaminadas e quatro morreram por exposição ao Césio-137. A boliviana Liliana Colanzi (1981) resgata esse fato histórico para tecer o conto que dá nome ao seu último livro: *Vocês brilham no escuro* [*Ustedes brillan en lo oscuro*]. Lançado originalmente na Espanha pela Editorial Páginas de Espuma, em 2022, foi ganhador do VII Prêmio Ribera del Duero, e chegou ao Brasil pela editora Mundaréu, em 2023, com tradução de Bruno Cobalchini Mattos.

Entre as seis narrativas curtas presentes na obra, “Vocês brilham no escuro” interessa especialmente ao público brasileiro pela inspiração no acidente com o Césio-137 em Goiânia, ainda que, como reforça a autora em nota ao final do livro, não se trate de um relato histórico, mas sim de “uma obra de ficção” (Colanzi, 2023, p. 111).

Na história real, em setembro de 1987, dois catadores de lixo reciclável entraram no prédio abandonado de uma das clínicas do Instituto Goiano de Radioterapia, a qual havia sido transferida para outro local dois anos antes. Entre os destroços, buscaram aquilo que poderiam vender como sucata, como as peças de equipamentos largados no edifício, e, sem saber do risco envolvido, retiraram as partes de um que servia para o tratamento de radioterapia. A peça central dessa máquina, pesando mais de trezentos quilos, foi parar no ferro-velho de Devair Ferreira, onde dois funcionários fizeram a desmontagem completa, com direito a marretadas no envoltório de chumbo que protegia o seu interior. Nenhum deles imaginava que, dentro desse cabeçote, haveria uma cápsula com um estranho pó, esbranquiçado ao ser exposto à luz e de um tom azul brilhante quando visto no escuro: o Césio-137.

A partir daí, a substância radioativa começou a se espalhar pela cidade. O irmão de Devair, Ivo, levou um pouco de cézio no bolso da calça para sua casa, onde sua filha, Leide das Neves Ferreira, de seis anos, lambuzou-se com o pó, fascinada por seu brilho azul. A menina se tornaria, dias depois, a primeira vítima fatal, seguida pela esposa de Devair, Maria Gabriela Ferreira, e dois funcionários do ferro-velho, Israel Batista dos Santos e Admilson Alves de Souza. Antes de ser internada, Maria Gabriela entregou à Vigilância Sanitária Estadual a cápsula contendo o pó azul, onde especialistas confirmaram tratar-se de um material radioativo extremamente perigoso. A partir desse momento, foram acionados protocolos de emergência para conter a contaminação e garantir assistência às pessoas afetadas.

Em sua versão ficcional, Colanzi captura muito bem o aspecto insólito e quase inverossímil desse evento trágico, especialmente pela maneira com que uma substância tão perigosa quanto o Césio-137 foi abandonada como detrito comum. Esse fato abriu a possibilidade para que as pessoas, ao entrarem em contato com essa luz misteriosa, criassem suas próprias interpretações a respeito de sua origem:

Foi surpreendido pela luz naquela noite enquanto fumava no pátio, ao lado do teto de zinco do galpão. Brotava do ferro-velho recém-comprado e se desfazia em um véu leitoso, iridescente, de múltiplos matizes, uma luminescência azul como de uma estrela ou do fundo do mar. Teve medo. Pensou nos mortos, no diabo, nos extraterrestres. (Colanzi, 2023, p. 96)

O insólito, portanto, está tanto no absurdo da realidade que nos cerca quanto na maneira com que a população encara a substância radioativa, tanto como “brilho mágico” (Colanzi, 2023, p. 99), quanto como “luz do diabo” (Colanzi, 2023, p. 101). É interessante que a

aceitação do âmbito maravilhoso como algo cotidiano, que não contradiz a visão de mundo de personagens e narradores, é justamente característica do Realismo Mágico latino-americano (Roas, 2011, p. 57), gênero com que o livro de Colanzi dialoga constantemente, trazendo também a essa conversa literária a ficção científica, a distopia, a fantasia e o horror.

Há, porém, um deslocamento do gênero, na medida em que aquilo visto como mágico – tanto a substância quanto seus efeitos – na verdade é perfeitamente explicável pela ciência da nossa realidade; mas, como esses eventos são encarados como sobrenaturais, e devido à familiaridade com que a população encara essa categoria de explicações, as pessoas acabam se colocando em risco – tanto na vida real quanto na história ficcional.

O conto demonstra, assim, como na América Latina o que se entende como familiar e estranho deriva de uma visão de mundo bastante específica. Dificilmente se enquadraria no tipo de estrutura psíquica que, segundo Freud, seria tomada por uma angustiante sensação de infamiliaridade ao entrar em contato com “restos de atividade psíquica animista” (Freud, 2019, p. 85), ou seja, momentos em que nos deparamos com situações cotidianas nas quais uma explicação mágica parece plausível.

Ao final da narrativa, essa especificidade do modo de enxergar a realidade aparece de maneira clara quando Devair se torna uma atração, como a de um circo de horrores, e o público compra ingressos para ver o

homem que sobreviveu à radiação, às queimaduras, à morte, ao opróbrio e à tragédia. [...] Este homem entrou em contato com a morte, com a malquerença,

com o demônio radiante. [...] Abram os olhos, pois o que verão não é para pusilânimes, senhoras e senhores: o brilho da morte, a fosforescência do pecado, o homem que resplandece nas trevas. (Colanzi, 2023, p. 109)

O conto também traz de maneira intimista o efeito social da contaminação, por meio de situações ficcionais muito bem pautadas no real, mostrando como tantas famílias acabaram perdendo tudo, a saúde, os amigos e parentes, e até os bens materiais, como a própria moradia: “por ter se contaminado com aquele troço, um troço menor que um grão de areia e feito de fogo, fomos todos evacuados e demoliram nossa casa: não nos deixaram nem tirar uma foto, nem pegar uma recordação, nem uma peça de roupa” (Colanzi, 2023, p. 94).

E mesmo quando saíam da cidade, tentando recomeçar a vida em outro lugar, essas pessoas descobriam que haviam perdido também a dignidade, e que a contaminação as atingia muito mais profundamente do que quaisquer marcas físicas: “assim que soube que éramos de Goiânia, a dona inventou desculpas e não quis nos contratar” (Colanzi, 2023, p. 95).

Questões sociais e econômicas em torno de perigos radioativos são abordadas de maneira ainda mais contundente no conto “Atomito”, uma mescla de distopia, ficção *weird* e realismo mágico. Na narrativa, cinco jovens lutam para sobreviver em condições precárias na cidade de El Alto, na Bolívia, em um futuro próximo no qual a região é altamente controlada e patrulhada pelo exército, devido ao reator em operação dentro da Central de Pesquisa Nuclear Túpac Katari.

Assim como “Vocês brilham no escuro”, “Atomito” também é inspirado em fatos reais, pois o governo boliviano está realmente construindo um reator nuclear em El Alto, em parceria com a

Rosatom, uma empresa estatal russa especializada em energia nuclear. Segundo o *website* da empresa, o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Tecnologia Nuclear contará com o reator de pesquisa e também com

um complexo laboratorial, um complexo ciclotron que produz radiofármacos para pesquisa clínica e um centro de irradiação multiuso onde até 70 toneladas de produtos agrícolas podem ser processadas diariamente para melhorar sua segurança alimentar e prolongar sua vida útil. (Rosatom, 2023)

Essas são exatamente algumas das atividades da Central abordadas por Colanzi em seu conto. Nele, fica implícito que a manipulação de alimentos e a produção de fármacos por meio de manipulação de componentes radioativos está trazendo doença e morte para as pessoas da região. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento econômico prometido como forma de defender a construção do reator nunca chega para a população em geral, e a desigualdade apenas aumenta. Enquanto dentro dos muros da Central há “jardins que cresciam rosas [...] centro de convenções de piso de mármore que brilhava feito caramelo úmido, [...] hotel com cinema próprio [...] quadras de tênis com grama de verdade” (Colanzi, 2023, p. 40), do lado de fora as condições são de extrema pobreza.

O conto traz acontecimentos que podem ser interpretados como sobrenaturais, inclusive um fato digno do horror cósmico típico da ficção *weird*: o possível despertar de uma entidade da cosmologia indígena local enterrada há mais de mil anos e que poderia estar causando comportamentos estranhos em algumas pessoas que dançam em uma espécie de frenesi, enquanto se deslocam em direção ao topo da montanha onde está a Central. Por outro lado,

também há a possibilidade de que os acontecimentos inexplicáveis sejam resultado do acúmulo de “barris metálicos repletos de detritos da planta; corria o boato de que não se tratava de lixo comum corriqueiro, mas de um tipo de substância que precisava ser manejado de forma muito especial” (Colanzi, 2023, p. 40). Ou, ainda, quem sabe os desejos radioativos estejam alimentando e despertando a entidade ancestral?

O tema da contaminação por detritos tóxicos relaciona esses dois contos com uma preocupação condizente com os estudos em torno do conceito de Antropoceno, que representa o momento em que o acúmulo das ações antrópicas de uma parcela da humanidade passou a causar extensos desequilíbrios na biosfera terrestre. Segundo Micah McKay (2025, p. 110), os detritos são uma questão central do Antropoceno, pois, quando pensados de maneira ampla, são onipresentes – podem ser encarados como praticamente qualquer tipo de resíduo – e configuram uma fonte de articulação de relações entre humanos e não-humanos com o ambiente, tanto em nível local quanto planetário.

A respeito da coletânea de Colanzi, McKay diz que seus contos

ao mesmo tempo em que treinam o nosso olhar para enxergar os detritos e os processos de criação de detritos, também desfamiliarizam o próprio detrito, criando um espaço imaginário no qual o detrito não é meramente uma sobra acessória e inerte, mas sim uma força material central que ajuda a dar forma ao mundo de maneiras estranhas e muitas vezes desconcertantes. (McKay, 2025, p. 114, tradução nossa).

Os detritos também se relacionam diretamente com os deslocamentos de escalas relacionadas ao Antropoceno, um conceito

com raízes na geologia e que “nos impõe a pensar a vida humana em escalas muito mais expandidas de espaço e tempo, algo que altera significativamente a forma como muitas questões outrora familiares surgem” 70F (Clark, 2015, p. 13, tradução nossa).

Essa expansão das escalas, especialmente no que diz respeito ao tempo, aparece ainda mais evidente no conto “A caverna”, que abre a coletânea. Nele, uma caverna na região de Oaxaca, no México, por onde passam humanos e não humanos diversos, é a protagonista da história. Essa inversão de agenciamentos, na qual uma formação geológica tem protagonismo e os humanos são secundários, marca uma inversão no dualismo Natureza e Cultura que é pertinente ao Antropoceno, na medida em que a crise ecológica tem atravessado a história humana e as ações antrópicas atingiram uma potência geológica, pois seu impacto afetará a biosfera ainda por milênios à frente, mesmo se nenhum *homo sapiens* estiver presente para assistir.

Por meio de fragmentos, Colanzi mostra eventos que vêm e vão no tempo, contando o que acontece na caverna desde a pré-história da humanidade, passando pela época em que a invasão europeia chega ao local e também por passados mais recentes, até quase ao presente, e seguindo adiante para três momentos posteriores: o primeiro é em um futuro próximo, no qual uma viagem no tempo parece acidental; o segundo é ainda mais à frente, quando supostos seres humanos já não têm mais a mesma aparência e conquistaram as estrelas; e o último é profundamente distante e toda a Terra parece transformada e habitada apenas por não humanos.

Em entrevista, Colanzi afirma que uma das questões narrativas que o Antropoceno nos faz confrontar é exatamente essa diferença de escala: “a vida humana é curta, mas o tempo das mudanças climáticas

pode ser medido em eras geológicas” (Colanzi; Heffes, 2021, tradução nossa). Para a autora, essa é uma especificidade que já foi abordada pela ficção insólita por meio das viagens no tempo ou de narradores “super oniscientes”, capazes de cobrir muito mais tempo e espaço do que o narrador onisciente tradicional do romance realista. Esse é um dos motivos que a faz entender que a “literatura da irreabilidade” está muito mais preparada do que a realista para tratar dos temas em torno do Antropoceno.

Em sua caverna feita de retalhos temporais, Colanzi se vale das possibilidades de variação de foco narrativo que a ficção insólita oferece: em alguns momentos aproxima a narração dos humanos e dos não humanos que porventura interagem com a caverna e, em outros, traz uma abordagem mais neutra, similar a um relatório científico. Diversos elementos atravessam o tempo e aparecem em mais de um fragmento, como os morcegos mutantes que surgem e vivem por séculos até serem extintos pelos vírus dos europeus. O guano deixado por eles é um dos elementos que traz uma outra perspectiva para a ideia de dejetos, pois, ainda que rompa com a escala humana do tempo, como acontece com o rejeito radioativo, esse resíduo não leva à morte, mas a uma interconexão multiespécie que colabora para a manutenção da vida na caverna:

Os séculos de existência dos morcegos mutantes também foram próximos para a caverna. Seu guano, composto por cutículas de insetos, sustentava a vida no crepúsculo. Os besouros depositavam na merda suas ninfas, miniaturas fósseis e famintas que ali encontravam refúgio. [...] Colônias diligentes de fungos e bactérias trabalhavam os excrementos até decompô-los, para então serem devoradas pelos coleópteros. E as salamandras, por sua vez, atraídas pelos besouros, se

ocultavam nos interstícios rochosos. [...] O ciclo da vida cujo eixo é a merda, o guano, o excremento generoso. O presente que um ser vivo dá a outro sem saber, e por meio do qual a existência continua. A merda como vínculo, como elo fundamental no mosaico das criaturas. (Colanzi, 2023, p. 23)

São vínculos que atravessam as espécies e o tempo, dando representação para a malha da vida e explicitando como se articula a interconexão entre eventos muitas vezes vistos como isolados, mas cujo encadeamento em uma escala não humana mostra como o ecossistema é inteiramente moldado por essas múltiplas relações.

As heranças do tempo também são um dos temas de “A dívida”, o terceiro conto da coletânea, no qual a protagonista grávida e sua tia fazem uma jornada pela selva amazônica boliviana para cobrar uma dívida no povoado onde estão suas raízes genealógicas. Em meio a eventos insólitos e um clima onírico, a viagem das duas trata de segredos familiares e de questões em torno da maternidade.

O quarto conto, “Os olhos mais verdes”, reconta uma narrativa de pacto fáustico, na qual Ofelia, uma menina de dez anos, decide que precisa ter olhos verdes como os do pai e se surpreende o quanto é fácil “renunciar ao Céu” (Colanzi, 2023, p. 77) para obter seu desejo. A história aborda também questões ecológicas, pois no povoado em que a família de Ofelia vive, na selva, o desmatamento para a produção de móveis fez com que haja “cada vez mais madeireiros na floresta e menos árvores de mogno” (Colanzi, 2023, p. 73).

A temática em torno das tentações diabólicas e, principalmente, das restrições religiosas, também está presente em “O caminho estreito”, no qual Susana e sua irmã Olga vivem em uma comunidade isolada, comandada pelo Reverendo, onde todos usam colares de

obediência que dão choques conforme alguém se aproxima do perímetro externo. As irmãs sonham em conhecer o que havia do lado de fora: a cidade, a tecnologia e o resto do mundo. Nessa narrativa, Colanzi ressalta criticamente o tipo de pensamento dualista derivado do racionalismo ocidental, o qual coloca a Natureza como um aspecto primitivo e sombrio que deve ser dominado ou eliminado pelos tratores e serras a serviço da Cultura humana, uma instância purificada e voltada à suposta luz do progresso. Inúmeras religiões, como a maioria das vertentes católicas e protestantes, historicamente enfatizaram esse dualismo, relacionando a natureza ao âmbito do demoníaco, o que divinizou sua destruição, tal como aparece no conto:

O Diabo pode ser uma nuvem, uma sombra, uma brisa que agita as folhas. [...] Há quem garanta que se esconde na mata, do outro lado do perímetro, lá onde os galhos das árvores sussurram segredos que enlouquecem os homens. [...] Aqui vencemos a natureza à base de trator e oração e amansamos a mata até transformá-la em ordem. (Colanzi, 2023, p. 79-80)

A preocupação de Colanzi com a ecologia não se restringe à ficção; a ecocrítica é um de seus temas de pesquisa acadêmica, junto da ficção insólita latino-americana e sua relação com questões de gênero, classe e raça, assim como os estudos animais e o pós-humanismo. Atualmente, a autora é professora assistente no Departamento de Estudos do Romance na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, por onde também detém o título de doutora em Literatura Comparada. É também formada em Comunicação Social pela Universidade Privada de Santa Cruz, Bolívia, e mestre em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Cambridge, Inglaterra.

Colanzi editou *La desobediencia, antología de ensayo feminista* (Dum Dum, 2019) e foi coeditora, com Debra Castillo, de *Regiones inquietantes: literatura de horror en Latinoamérica* (Hispanic Issues Online, 2024) e de *Latin American Speculative Fiction* (Paradoxa, 2018). Também coeditou *Conductas erráticas* (2009) e a mini antologia de contos *Messiah* (2013). É idealizadora da Dum Dum Editora desde 2017. Como escritora de ficção, publicou, além de *Ustedes brillan en lo oscuro* (Páginas de Espuma, 2022), os livros de contos *Nuestro mundo muerto* (Almadía, 2018, finalista do Prêmio Hispano-Americano de Contos Gabriel García Márquez) e *Vacaciones permanentes* (Editorial El Cuervo, 2010). Seus livros foram traduzidos para sete idiomas. Em 2015, ganhou o prêmio literário Aura Estrada, do México, pelos contos “Caníbal” e “Chaco”. Em 2017, o Hay Festival Cartagena a incluiu entre os melhores escritores latino-americanos com menos de 40 anos.

Colanzi tem se tornado cada vez mais uma voz importante da ficção insólita latino-americana, não apenas por tratar de temas relevantes para os nossos dias, mas também por demonstrar técnicas e inovações formais que ressoam com o momento de crise do Antropoceno.

REFERÊNCIAS

CLARK, Timothy. *Ecocriticism on the Edge: The Anthropocene as a threshold concept*. Londres: Bloomsbury Academic, 2015.

COLANZI, Liliana. *Vocês brilham no escuro*. São Paulo: Mundaréu, 2023.

COLANZI, Liliana; HEFFES, Gisela. Tres preguntas con Liliana Colanzi. In: *Hablemos, escritoras*, 28 nov. 2021. Disponível em: <https://www.hablemosescritoras.com/posts/706>. Acesso em: 7 fev. 2025.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar [Das Unheimliche]*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MCKAY, Micah. Logics of waste in Liliana Colanzi's *You Glow in the Dark*. In: *Theory Now: Journal of Literature, Critique, and Thought*, v. 8, n. 1, jan./jun., 2025.

ROAS, David. *Tras los límites de lo real: Una definición de lo fantástico*. Madrid: Editorial Páginas de Espuma, 2011.

ROSATOM. *Newsletter #265: A Bolívia recebe o reator*. Rio de Janeiro: Rosatom América Latina, 2023. Disponível em: <https://rosatomnewsletter.com/pt/2023/05/29/bolivia-awaiting-reactor-delivery/>. Acesso em: 07 fev. 2025.